



Coleção
Raízes do Futuro

10

COMUNIDADE QUILOMBOLA COLÔNIA DO PAIOL

BIAS FORTES - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras e autores (Comunidade)

Jurandir Jorge Teixeira, Laura Maria, Maria das Graças da Cunha, Maria de Fátima Cunha Silva, Maria do Perpétuo Socorro Barbosa, Maria Terezinha da Silva Teixeira.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves, Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro, Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 300 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE QUILOMBOLA COLÔNIA DO PAIOL

BIAS FORTES- MG

Localização da Comunidade

Localizada na Zona da Mata Mineira, a 4 km da cidade de Bias Fortes, a Comunidade Quilombola Colônia do Paiol é a maior comunidade negra do município, com uma população aproximada de 600 habitantes.



História

A Comunidade tem sua origem a partir das famílias formadas pelos ex-escravizados Tobias, Gabriel, Adão, Justino, Quirino, Maria Cliola, Camila Parda, Sebastião e Justiliano. Essas pessoas eram propriedades do fazendeiro José Ribeiro Nunes, que em 1892 fez constar em testamento doação das suas terras para seus nove ex-escravizados que ali residiam.

Em 15 de fevereiro de 1893

pág - 94 -95-96

Registro de testamento com que faleceu José Ribeiro Nunes, no distrito do Quilombo neste município e do Teor seguinte: Jesus, Maria e José. Em nome da santíssima trindade, pai, filho e espírito santo, em que eu José Ribeiro Nunes, Firmemente creio em cuja fé protesto de viver e morrer. Este meu testamento e última vontade declaro que sou natural do Distrito de Curral Novo do município de Barbacena e residente no Quilombo do mesmo município, filho legítimo de Manuel Ribeiro Nunes e Dona Carlota Theotonia da Silva, sou casado em segundas nupcias com Dona Veronica Candida Ribeiro de cujo consorcio temos uma única filha de nome Maria Candida Ribeiro. Falecendo eu aqui no

■ Fragmentos do testamento de José Ribeiro Nunes

terrenos de Flavio Esteves dos Reis, João Batista da Silva e Paula, Por este testamento confirmo a dadiva do dito terreno aos meus ex-escravos de nomes: Tobias, Gabriel, Adão, Justino, Quirino e Maria Cliola e Camila Parda e também Sebastião e Justiliano afim de que possam, gozar o dito terreno do Paíol como deles próprios, Senhores, possuidores, desfrutando em sua vida e por dos mortes dos mesmos passarão aos seus descendentes diretos sem que se possam vendelos dito terrenos ou

■ Fragmentos do testamento de José Ribeiro Nunes

1893 A. Antônio de Azeredo Coutinho. Estavam quando eu faleci de Barbacena 3 de fevereiro de 1893. O collecter Ferreira de Castro. O escrivão Castro. Pelo escrivão passou-se guia para pagar-se na collectoria 2.000 da abertura do testamento pelo Juri. Barbacena, 19 de fevereiro de 1893. A Coutinho testamento co cidadão José Ribeiro Nunes feito e aprovado em 27 de dezembro de 1892. aprovado pelo tabelião Esaias José da Silva Tabelião que assinei. Nada mais se continha no referido testamento que foi bem e fielmente registrado por mim Antônio de Azeredo Coutinho, escrivão interino da provedoria que eu escrevi, conferi, subescrevi e assigno.

Antônio de Azeredo Coutinho.

■ Fragmentos do testamento de José Ribeiro Nunes

Relatos de moradores mais antigos afirmam que seus ancestrais, ex-escravizados, resistiram naquela terra com os

conhecimentos trazidos de África acrescidos aos aprendidos aqui com os irmãos indígenas.

Uma moradora antiga, Tia Maria Osminha contava que eles chegaram na comunidade apenas com a roupa do corpo e um burrinho, que logo depois fora morto para que a carne lhes amenizasse a fome. Inicialmente, trabalhavam nas fazendas da região, e, na maioria dos casos, os homens trabalhavam de meia nas plantações e as mulheres limpando as fazendas e nas roças, em troca de mantimentos para ajudar no sustento da família. Tia Osminha dizia que as vestimentas que usavam eram feitas do tecido do saco de açúcar e que, vez por outra, recebiam doações de roupas usadas dos fazendeiros.

Maria das Dores de Souza, conhecida por “Dasdores”, nasceu pelas mãos da parteira Tia Camila, na comunidade Colônia do Paiol, na casa de sua mãe, no dia 23 de março de 1953. Antigamente não se fazia pré-natal, nem havia acompanhamentos médicos para gravidez. Dasdores conta que sua infância foi tranquila no Quilombo, que ela sempre ajudou nos afazeres domésticos e no plantio das roças ao redor de casa e, muitas vezes, trabalhou de meia nas terras dos fazendeiros. Casou-se aos 14 anos e teve 10 filhos, destes sete estão vivos. Dasdores comenta que, antigamente, na Colônia do Paiol, não tinha estrada, e as pessoas andavam por meio de “trios”, que ligavam uma casa à outra. Naquela época, não havia luz elétrica, por isso as brincadeiras na rua, durante a noite, só aconteciam quando era lua cheia. Ela relembra um fato importante: quando estava para dar à luz a uma das filhas, em um parto muito difícil, pois a criança não nascia, pediram ajuda ao seu avô, Marinho Justiniano Franco. Ele veio atender ao chamado e, ao chegar, colocou uma das mãos em sua testa, fez a oração do parto, e pediu por ela. Rapidinho a menina nasceu, ou seja, a força da oração sempre esteve e ainda está muito presente na comunidade.



■ Marinho Justiniano Franco

Pedro Marinho Franco, um dos moradores antigos, conhecido como “deputado”, era o rezador de terço nas casas da comunidade. Muito conhecido por falar bem, tinha uma voz forte e sempre rezava a ladainha ao final do terço. Ele trabalhava em um local cedido pelo fazendeiro João Mingote. Ali, fabricava tijolos em uma olaria e os vendia aos moradores. Várias casas da comunidade foram construídas com os tijolos desta olaria. Pedro Marinho tinha hábito de deixar batata doce cozinhando no forno e oferecer às mulheres que iam buscar lenha no mato, próximo à sua olaria. As mulheres que por ali passavam entravam para comer batata doce e tomar água fresquinha da mina, para em seguida, retornar à caminhada com feixe de lenhas na cabeça. Pedro Franco faleceu em 8 de janeiro de 1997.

Maria Arlinda Bento (tratada por Tia Maria Osmina) era muito religiosa. Ela sempre morou no quilombo, descendente

do Justiliano, um dos nove herdeiros do território. Todas as pessoas a chamavam de tia Maria Osmin-da, até mesmo para diferenciá-la de Osmin-da, nome de sua mãe. Tia Maria Osmin-da casou-se e teve 11 filhos, nove são falecidos e apenas dois estão vivos. Ela nasceu em 16/06/1923 e faleceu em 08/03/2008, aos 85 anos. Tia Maria Osmin-da benzia as pessoas no quilombo de mau olhado, de vento virado, de quebranto, de dor de cabeça, cobreiro e de sapinho. Quando ficava muito tempo sem chover, Tia Maria Osmin-da pegava um quadro de Nossa Senhora e caminhava pela comunidade pedindo às crianças para jogar água no santo, que era Santa Clara, para cair chuva; passavam alguns dias e a chuva caía. Ela sempre cantava o verso: “Santa Clara clareou, São Domingos alumiu vai chuva, vem pra enxugar o meu lençol pra cobrir o meu amor”.



- O casal Antônio Avelino Brás da Silva e Carolina Osmin-da de Jesus, antigos moradores de Colônia do Paiol.

Para adquirir alimentos e insumos não produzidos na comunidade é necessário ir à sede de Bias Fortes. Antigamente, os comerciantes não vendiam fiado para os quilombolas.

As compras de alimentos eram feitas, por quase todas as famílias, a cada 15 dias. As compras eram pagas com os recursos recebidos pelo trabalho nas fazendas, mas os pagamentos por estes serviços eram bem baixos, forçando as pessoas a comprar menor quantidade de mantimentos, que acabavam dias antes do próximo dia da compra. Assim, eles iam “regrando”, para não faltar alimento até o final do mês, administrando bem os mantimentos - sempre se tinha um pouco de fubá para o angu, para a sopa de fubá, e o feijão era preparado com um caldo mais ralo. Com isso, consumia-se mais verduras e legumes, principalmente a couve, cultivada nos quintais. Assim se compunha a cesta alimentar para durar até o fim do mês. Havia também a partilha de alimentos: quem tinha muito feijão ou fubá emprestava, trocava por outro alimento ou, na maioria das vezes, doava ao vizinho que não tinha nenhum.



■ Mapa Simbólico de Colônia do Paiol atividade realizada

■ Território

Há algum tempo, as casas eram de pau a pique, mas hoje a maioria é construída com cimento e tijolos.

Na comunidade, a água, a terra e a natureza do entorno são totalmente cuidadas e preservadas. A água é usada para alimentação, para a higiene pessoal, para limpeza das casas e para irrigação das plantas. Os moradores fazem o uso consciente da água para que não ocorra desperdício, além de buscarem preservar as nascentes. As três principais fontes de água que abastecem a Comunidade estão localizadas fora do território, são elas: a) Mina d'água no terreno do Sansão (nome do antigo dono, mas é o nome que se usa até hoje, mesmo o novo dono chamando-se Cloves; b) Mina d'água no terreno do Antônio Guilherme; c) Mina d'água no Terreno do Messias.

A terra, como elemento da natureza, é utilizada pelos moradores para plantio e para construções de casas e reboques, a partir de uma mistura de estrume de vaca com argila, que chamamos de barro, e serve para rebocar fogão de jirau e paredes. Para a Comunidade, todos os bens da natureza são preservados, pois carregam histórias e modos de viver e de fazer dos ancestrais.

Para prevenir as doenças e manter a boa saúde, os moradores fazem uso de chás das plantas medicinais, cultivadas nos quintais, com as orientações das pessoas mais velhas. Havendo necessidade de atendimento médico, as pessoas precisam deslocar-se para o centro de Bias Fortes, pois, no território não há serviço de saúde.

As relações com as comunidades vizinhas sempre foram marcadas por muita discriminação e preconceito velados. Poucas pessoas apoiavam os moradores, e quando se ia ao centro de Bias Fortes, era comum ouvir piadas por ser um morador do quilombo.

Em Colônia do Paiol, o progresso chegou com a construção da estrada e das ruas, em meados de 1970. Antes, as pessoas iam de uma casa a outra e ao centro de Bias Fortes por “trios”, sendo que os acessos eram por “pinguelas” altas e perigosas.



- Caminhada Transversal pela Comunidade Quilombola Colônia do Paiol, atividade realizada pelos participantes do Projeto Raízes do Futuro.

Há pouco mais de 40 anos, a luz elétrica chegou na comunidade e foi uma festa. Toda vez que se acendia a luz, Vanderley, uma das crianças, gritava de alegria, “a luz acendeu!!!”.

Antes da chegada da luz elétrica, as pessoas usavam querosene em luz de lamparina, muitas eram feitas de litros de óleo vazios. Para iluminar os bailes ou danças nas casas, usava-se cambona, que é um bambu cheio de panos banhado em óleo ou querosene colocados a queimar.

Está localizada no território a Escola Municipal Prefeito Joaquim Ribeiro de Paula, fundada na década de 1970, onde se dá a educação formal. A comunidade, apoiada por alguns parceiros, mobilizou-se para ver aprovado, na Câmara Municipal dos Vereadores de Bias Fortes, o projeto de lei de implementação da educação escolar quilombola. Desde o dia 9 de maio de 2025, a escola é reconhecida pelo MEC como quilombola.

Mas a educação quilombola vai além da escola, ela é realizada todos os dias, por todo o território e se faz presente em todos seus espaços. É sabido que se aprende com os mais velhos, se aprende com os mais novos, se aprende na convivência diária, se aprende vendo os afazeres, com os diálogos e com as partilhas de vida.

Economia e sociedade

No Quilombo, muitas famílias cultivam, nos quintais das suas casas: verduras, legumes (inhame, mandioca, batata doce), frutas (laranja, banana, mamão), além da criação de galinhas para ovos e carne, e da criação de uma ou duas vacas para leite e carne. Porém, grande quantidade de insumos e matéria-prima vem do comércio externo à comunidade.

Os donos das fazendas ao redor da Colônia são empregadores dos moradores; entre eles, estão José Custódio, Senhor Alberto e João Mingote. São os fazendeiros mais conhecidos, que empregam alguns moradores como meeiros, no plantio de arroz, feijão e milho. Moradores e fazendeiros, hoje, convivem bem, mas, no passado, a exploração da mão de obra do trabalhador era recorrente, pois os fazendeiros davam, em pagamento aos quilombolas, produto de menor valor ao que fora cultivado, e para as trabalhadoras nas fazendas, o pagamento dado pelo serviço prestado era mantimentos. Alguns quilombolas deixaram a comunidade e mudaram para cidades maiores, como Juiz de Fora, Barbacena, em busca de um trabalho melhor e oportunidade de estudos.

Atualmente, a maioria dos homens do Paiol trabalha na serraria existente no local, ou na prefeitura e outros recebem benefícios do governo. Muitas das mulheres trabalham na prefeitura, ou em casas de família, em Bias Fortes, ou também recebem programas sociais.

O lazer acontece no campo de futebol, na quadra poliesportiva, nos botecos, nos rios, nas cachoeiras e nas igrejas (Católica e Evangélicas), pontos de encontro e socialização da comunidade.

O campo de futebol, construído na década de 1990, é bem movimentado, principalmente aos finais de semana, quando as pessoas se reúnem no beco para conversarem, beberem nos botecos, e as crianças brincam no campo, onde sempre acontece torneios, festivais esportivos e festas.



■ Quadra poliesportiva Marinho Justiniano Franco em Colônia do Paiol.

A quadra poliesportiva Marinho Justiniano Franco foi inaugurada no dia 14/10/2006, na gestão do prefeito Neide Sávio de Oliveira. Está localizada na Colônia de Cima, fica bem na entrada da comunidade. O nome dado à quadra é uma homenagem a Marinho Justiniano Franco, um dos filhos de Justiliano, ex-escravizado. Esse nome foi uma escolha da comunidade para homenagear o “Marinheiro Velho”, apelido carinhoso dado por seus amigos, que sempre tiveram muito respeito à pessoa dele. Além de benzedor, ele apartava qualquer tipo de confusão que houvesse: quer seja na Colônia de Cima, ou na de Baixo, era só chamar o “Marinheiro Velho”. Logo ele chegava com o relho nas mãos e todos o obedeciam.

A primeira Festa da Consciência Negra aconteceu em meados de 1980, com a mobilização da comunidade pelo padre Jonas José Santana. Ele era muito animado e promovia festas com shows na paróquia e na capela. Com a transferência do padre Jonas para outra região, e o desinteresse do pároco que o substituiu em realizar esta atividade, a comemoração do dia da Consciência Negra deixou de acontecer na Colônia. Mas, no início dos anos 1990, lideranças da comunidade resgatam esta celebração festiva e política tão importante para os quilombolas.

Em 2025 ano, a comunidade Quilombola Colônia do Paiol promoveu “A Grande Festa da Cultura Negra”, reunindo tradição, memória e celebração da identidade afro-brasileira. O evento integra o calendário da comunidade e é um ciclo de atividades culturais, que acontecem de abril a julho, promovendo o encontro entre gerações e a valorização da herança ancestral. A programação de 2025 contou com apresentações dos grupos locais de Congada, Maculelê e Resgate do Canto, além de outros convidados. Música, dança, culinária e religiosidade reuniram-se em uma celebração da cultura negra. A festa reforça o papel da Colônia do Paiol como guardiã dos saberes tradicionais, demonstrando a potência da cultura quilombola na preservação da história e no fortalecimento da identidade de seu povo.

A religiosidade africana era mais presente antigamente, e era recorrente encontrar oferendas nas encruzilhadas. Hoje o sincretismo religioso está presente nas orações feitas por algumas pessoas para sarar de quebranto, mau olhado, sapinho, dores de cabeça.

Na comunidade há duas igrejas evangélicas: Assembleia de Deus e Deus é Amor.



■ Igreja Nossa Senhora do Rosário na Comunidade Quilombola Colônia do Paiol

No entanto, a religião católica é predominante. No Natal, faz-se a novena nas casas e, durante a Semana Santa, os moradores participam das encenações bíblicas, na sede de Bias Fortes. No passado, representantes de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) promoviam reuniões de dois ou três dias para reflexões sobre a palavra de Deus, chamado Círculo Bíblico. Semanalmente, às sextas-feiras, às 18h, o Grupo Oração Lechandwi se reúne para reflexão sobre questões espirituais e sobre o dia a dia da comunidade. Já nas quartas-feiras, às 16 horas, o grupo de oração reza o terço em homenagem à Nossa Senhora do Rosário e também à Sagrada Família. No terceiro domingo do mês, é celebrada a missa na Capela de Nossa Senhora do Rosário. Na comunidade, sempre houve celebração de missa, mesmo quando ainda não existia uma capela. Elas eram marcadas pelo padre e aconteciam nas casas das pessoas. O sonho de construir uma capela em Paiol foi alimentado por muitos anos. Foi com a vinda do padre Jonas e seu entusiasmo contagiante e mobilizador dos moradores da Colônia que eles se movimentaram, conseguindo levantar recursos financeiros por meio de campanhas de doação, festas, festivais esportivos, bingos e rifas. Depois de muita construção coletiva, a capela foi inaugurada em 2003. Democraticamente a comunidade elegeu como sua padroeira a Nossa Senhora do Rosário, e, segundo os fiéis, ela é intercessora pela paz das famílias e do mundo. Eles piamente acreditam ser ela a protetora do povo negro.

A comunidade, em 2004, solicitou a abertura do processo de regularização fundiária para a titulação do território quilombola junto ao INCRA.

Apesar de centenária, a Colônia do Paiol foi certificada pela Fundação Palmares apenas em 2005.

Em 2007, os moradores fundaram a Associação Quilombola Colônia do Paiol (AQUIPAIOL), com objetivo de representá-los na busca por políticas públicas e promover ações culturais para afirmação da identidade quilombola. ■

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.